

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

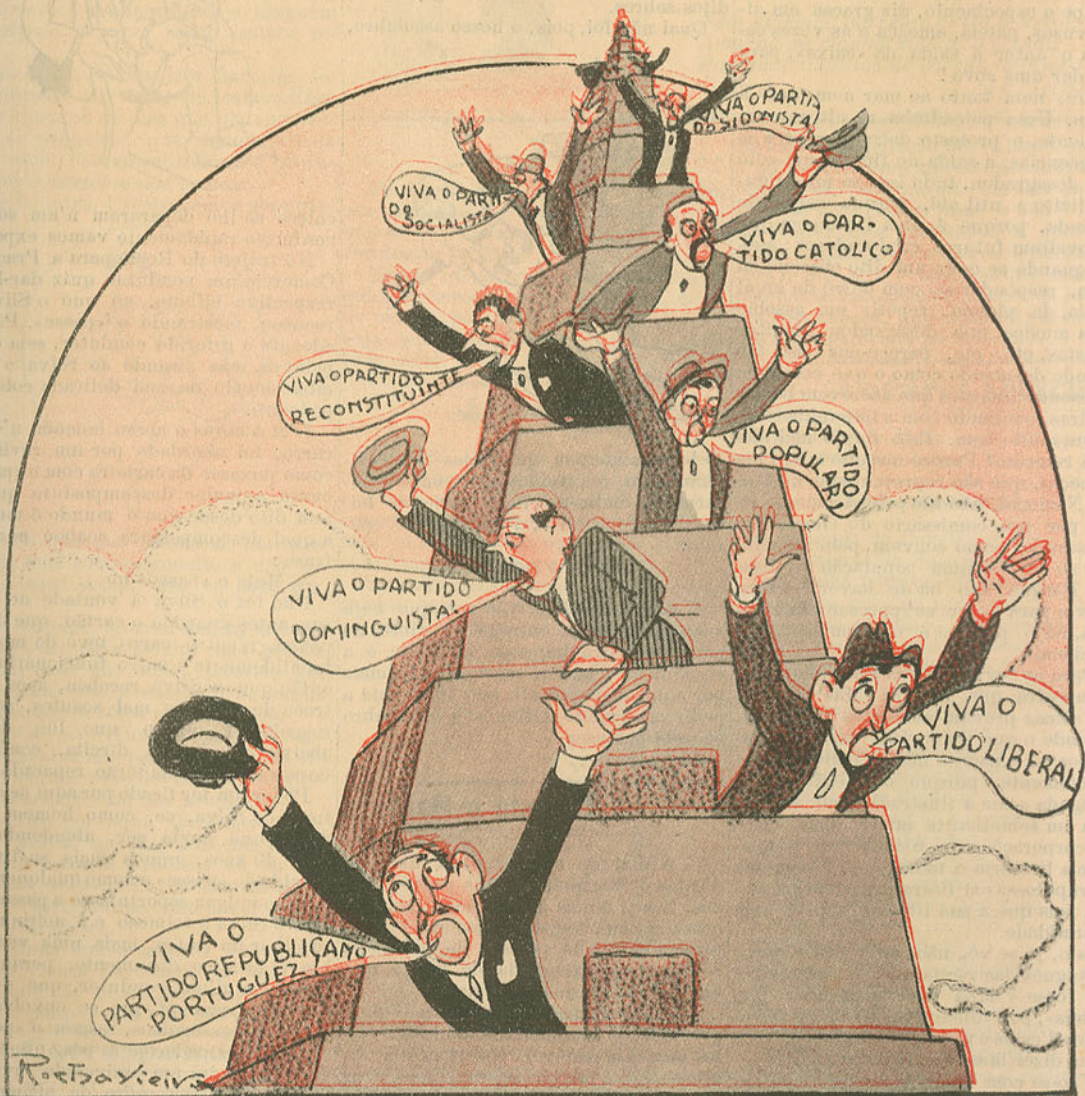


Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA ORAGA, Límbo

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

O MOMENTO POLITICO



Torre de Babel...



PALESTRA AMENA

Revistas teatrais

É verdade que todo o bicho careta se julga habilitado a escrever para o teatro essas coisas que se chamam «revistas», de modo que uma pessoa que, para escrever um simples bilhete postal recorre á amabilidade d'um íntimo, que saiba gramática, tem o publico em tão pouca consideração que não se importa de lhe impingir asneiras sobre asneiras; mas é também verdade que o mais ignorante dos espectadores, que quando assiste a outro genero de peças se cala prudentemente e não ousa manifestar a sua opinião senão á familia, em casa, quando se trata de revistas, imagina-se crítico de alto coturno, comenta a cada instante o que se passa em scena, interrompe o espectáculo, diz graças em altas vozes, pateia, ameaça e ás vezes espera o autor á saída da «caixa», para lhe dar uma sova!

Ora, nem tanto ao mar nem tanto á terra. Uma pateadinha na altura conveniente, o protesto decente contra as indecencias, a saída no fim de um acto que desagradou, tudo isso se nos afigura licito e útil até, porque serve de emenda, porque é uma lição com que aproveitamos futuros exploradores; agora, quando se ouve um dito obsceno da peça, responder-se com outro de igual feitio, da plateia, repetir em assobio uma musica que desagradou, insultar artistas, etc. etc. parece-nos isso tão grande desmando como o que cometem os pseudo-literatos que escrevem borra-cheiras, contando com a impunidade.

Ora muito bem. Este duplo mal não terá remedio? Parece-nos que tem. Pois as peças, que são representadas no teatro Nacional, não são primeiramente lidas por um commissario do Governo e censuradas como convem, pelo respeito que se deve a uma população civilizada? Porque não ha de haver censura previa para as que se representam n'outros, cujo publico é o mesmíssimo do Nacional?

Para as revistas houve em tempo essa censura, que acabou. Mas que não era eficaz provam-no centos de factos, de onde o que haveria a fazer era escolher os censores não na policia, como antigamente, porque o policia não é obrigada a ter a illustração que se precisa em semelhante mister, mas entre as corporações de reconhecida competência litteraria e moral, que fossem tão escrupulosas em litteratura como em moral, pois que a má litteratura... é uma immoralidade.

Isto, já se vê, não quer dizer que o portuguez das revistas e de outras peças fosse Vieira puro; mas dizer «dissesteis», por «dissestes» e outras necessidades d'estas é perverter tanto o publico como dizer larachas indecentes...

Vão-se com esta: um censor, que assista com os cinco sentidos a um ensaio geral, pode valer de muito a autores, artistas, empresa e publico, pois que não é facil que lhos passem desperce-

bidos os disparates em que não faz reparo quem com a peça lida. Se se adoptasse esse sistema talvez, por exemplo, se não dissesse, como um actor diz na alegre revista «Chá e torradas», que os cabritos são filhos dos carneiros...

J. Neutral.

Da «Grã-Duqueza»

Uma das medidas mais sábias que ultimamente teem sido tomadas—além das que hão resolvido, como se sabe, os instantes problemas nacionaes—foi a que tirou os sabres aos guardas nocturnos. O caso passou quasi despercebido do grande publico, mas a verdade é que ha tempos para cá todos sentiamos um bem-estar cuja causa desconheciamos e que não era outra senão a supressão, ou como lhe queiram chamar, dos ditos sabres.

Qual não foi, pois, o nosso assombro,



ao lermos hontem que essas armas tinham sido restituídas aos guardas-nocturnos! Acudiu-nos logo, como ao leitor decerto acudirá, a cantiga da opereta:

Accita o sabre, etc.

E porque acudiu? Não por que haja analogia entre a entrega do sabre do papá, pela grã-duqueza, ao Fritz e a restituição d'agora, mas porque, mais por aqui, mais por ali, isto tudo está a pedir musica de Offenbach e lembra opereta burlesca.

Desculpem...

Cá está o Marques

— Afinal de contas, dizia um dia d'estes o Marques, n'uma roda d'amigos, temos minas de carvão a dar-lhes com um pau: todos os dias os jornais trazem cartas de pessoas da provincia revelando a existencia de minas, que ninguelum sabia que existiam.

— Pois sim, mas depois de resolvido o problema do combustivel, ainda ha muitos outros a resolver, observou um dos presentes: a falta de açucar, por exemplo...

— E quem lhe diz a você, respondeu o Marques, que em Portugal também não ha minas de açucar para explorar?

Aventuras d'um homem que tinha um «passe»

Era uma vez um homem chamado Silva, que tinha um «passe» dos electricos, pelo que abrigava a convicção de que podia sem inconveniente de vulto transportar-se nos referidos vehiculos. Effectivamente, até o mês passado não sofreu desilusão que mereça mencionar-se, sobre tal persuasão, mas logo que quando começou a Companhia dos Carris a não se entender com a Camara Municipal e vice-versa, varios pre-



calços se lhe depararam n'um só dia, conforme rapidamente vamos expôr.

No trajeto do Rocio para a Praça do Comercio um condutor quiz dar-lhe o respectivo bilhete, ao que o Silva se recusou, mostrando o «passe». Passou adiante o referido condutor, sem dizer palavra, mas pisando ao Silva o mais mimoso calo da sua delicada colecção pedestre.

D'aí a horas a nosso homem, n'outro carro, foi abordado por um revisor e como puxasse da carteira com o «passe» ouviu a maior descompostura que se tem dito desde que o mundo é mundo, a qual descompostura acabou por esta frase:

— Meta o «passe» no...

Não fez o Silva a vontade ao revisor, antes guardou o cartão, que d'aí a pouco, n'outro carro teve de mostrar humildemente a outro funcionario. Foi então que o Silva recebeu, apoz uma troca de palavras mal soantes, aquele respeitavel murro que lhe deitou abaixo a palpebra direita, conforme vossas excellencias terão reparado.

Poderiam ter ficado por aqui as aventuras do Silva, se, como homem prudente que devia ser, atendendo aos seus 40 anos, nunca mais se tivesse servido do «passe» e como qualquer passageiro vulgar esportulasse a passagem. Mas o Silva é teimoso e á noiteinha, ao recolher do teatro, mais uma vez exhibiu o fatidico documento, perante a exigencia d'um condutor, que, depois d'uma refrega em que se envolveram todos os passageiros, rasgou o «passe» e calçou os pedaços a pés, prestando d'essa maneira um assinalado favor ao Silva, que ficou quite do ultimo acidente, com meia duzia de pontos naturais e um litro de tintura de arnica em varias regiões do seu precioso côrpo.

**Encomendas postaes**

Diz uma carta, para o «Seculo»:
«Em principios de Março do ano corrente foi-me enviada com a seguinte direcção: Norberto da Fonseca Santos, Cernache, Coimbra, uma encomenda postal remetida por Antonio da Fonseca Santos, Africa Occidental, que ainda não recebi!»

E' boa! Este sr. Norberto vai viver lá para casa do diabo — em Cernache! — e quer que as encomendas postais lá vão ter! Ora mude-se para mais perto da Africa Occidental, se faz favor!

Falta de sêlos

Está claro que a falta de sêlos nos tem causado enormes prejuizos, porque tendo nós muitos predios de casas arrendados, não podemos passar os respectivos recibos aos inquilinos e ninguem é obrigado a pagar senão contra recibo.

Mais ainda. Temos três namoros todos catitas e por falta de estampilhas ha uns poucos de dias que não escrevemos ás pequenas, que devem a esta hora estar desesperadissimas e provavelmente mandam-nos passear.

Ainda outra. Precisavamos absoluta-



mente de que nos passassem um atestado de bom comportamento e não havendo papel selado não se pode passar.

Mas ha mais. Morreu-nos ha dias um tio que nos queria deixar uma grande fortuna, mas não achou tabelião que lhe reconhecesse a assignatura, porque se acabaram os sêlos nos tabeliães.

Não é só isto. Hontem no «restaurant» Tavares não pagámos a conta do jantar, porque esta devia ser-nos apresentada selada e tal não aconteceu.

Não fica por aqui. Quizemos adoeecer e provar que por isso não podiamos esta semana trabalhar cá na folha, mas os medicos recusaram-se a passar o atestado, por não haver papel com o selo da lei.

Mas ainda temos mais a dizer—e é que nos vamos habituando á falta de tudo e que não vale a pena uma pessoa ralar-se, porque esta vida são dois dias.

Correspondencia

P. ALMEIDA.—O conto de V. Ex.ª é primoroso. Só lhe falta gramatica, mas isso é o menos. Publique-o em folheto, porque ha-de agradar.

EM FOCO**O carvoeiro**

*Desculpe vosselencia esta ousadia
De ir arrancá-lo á sombra bembfaseja
Da loja lá da esquina, onde negreja
E onde bolas e coque me vendia.*

*Quero mostrá-lo aqui, á luz do dia,
Para que toda a gente bem o veja,
Alto heroi da briquette e da carqueja,
Que outro agora não ha de mais valia.*

*E se quer compensar a versalhada
De maneira que vale bem o dobro,
Eu não tenho quantia estipulada*

*Nem dinheiro corrente exijo e cobro:
Amanhã de manhã mando a criada
Por quatro quilos de carvão de sobro...*

BELMIRO.

**23 sacas...**

Do Porto partiram para Famalicão, em caminho de ferro, 133 sacas com açúcar — e a Famalicão chegaram 110. Perderam-se 23.

Moral: quem quizer remeter qualquer encomenda pela via-ferrea, mande mais 6 por conta da porção que deseja que seja recebida. Assim, tudo bate certo.

Estado fosfórico

O estado fosfórico em que ora nos encontramos, isto é, a falta de fosforos, nem por isso tem causado grandes transtornos, o que era de prever n'um paiz onde o fosforo existe em grande abundancia em todos os cerebros.

Em todo o caso, se ha mezes nos dissessem que chegaria uma ocasião em que deixaria de haver fosforos á vend',



ficariamos assustadissimos e julgariamos o caso de solução impossivel. Afinal vê-se que os tais pavios eram uma excrecencia, uma especie de objetos de luxo, porque bastou que se decretasse a liberdade do uso dos seus varios sucedaneos, para que se reconhecesse... que

metade da população usava isca e fuzil.

E' verdade que a proibição nunca foi exequivel, visto que até com dois pausinhos se pode fazer lume e não é facil apreender dois pausinhos a quem os traga occultos. Agora que os deitaram de fóra é que se vê bem porque motivo não havia reclamações contra os fosforos sem cabeça, que eram 90 por cento dos que apareciam no mercado...

Logares selectos

Mais João de Deus—que até parece que escreveu isto hoje.

Trigo nacional

O visconde de Carnixe
Ou visconde de Sernache,
Que sache trigo ou não sache
E o bago xoxe ou não xoxe,
Quer que o publico lh'o chuche
Por preço que nunca abaixo!
E com empenho de estuche,
(Porque é visconde e tem coche,
Tem jornal onde desfeche
Artigos a trouxe—mouxe,
Onde mil razões entrouxe
E mil sem razões enfeixe)
Este amigo de Peniche
Que quer vender o seu peixe
Fundado na velha praxe
De se taxar a sandwich
E a lampreia de escabeche
(Quem sabe?) talvez que ache
Um ministro que lhe 'taxe
Alimpas a preço fixe!
Pois que o governo despache
E o bom do visconde abiche,
Mas com tanto que nos deixe!
Que nunca mais desembuche!
Ou depois, que se não queixe
De que o povo em massa o rache,
Sem lhe importar que estrebuche,
Ou que as orelhas agache,
Rebite, puxe e repuxe!
Até as arrancar do encaixe!

FELIZÃO!...



— Então, Maria, que comprou na Praça da Figueira com os dez mil réis que levou?

— Só alface para o grilo.